

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



A AÇÃO ECONÔMICA NO ENTORNO DE ÁREAS DE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL: As visões dos atores sociais no espaço de Mataraca, Paraíba.

¹Darcon Sousa, ²Adauto Florêncio da Costa Neto, ³Arissa Clara da Silva Vieira, ⁴Matheus José Henrique de Oliveira Eugenio.

RESUMO

Este trabalho descreve parte de uma pesquisa, cujo objetivo é investigar a ação econômica na cidade de Mataraca, Paraíba. Destacamos aqui as falas de atores sociais que relatam múltiplas dimensões da vida socioeconômica do município. As informações, coletadas por meio de entrevistas e observações, permitem constatar a presença de tensões entre as atividades de pequenos agricultores e grandes culturas canavieiras, assim como a necessidade de se avançar no estudo do impacto da exploração de minério na cidade, em termos de geração de riquezas e danos ambientais. Em Mataraca, subsiste um turismo empresarial moderado e pequenos prestadores de serviços desenvolvem negócios às margens e ao longo do rio Camaratuba. Não há turismo comunitário. O desemprego, a falta de acesso à qualificação e à educação profissional, além do consumo de drogas lícitas, ameaçam o futuro das novas gerações.

Palavras-chave: Ação Econômica – Meio Ambiente – Conflitos Sociais.

RESUMEN

Este trabajo describe parte de una investigación cuyo objetivo es investigar la acción económica en la ciudad de Mataraca, Paraíba. Destacamos aquí los discursos de actores sociales que relatan múltiples dimensiones de la vida socioeconómica en la ciudad. La información, recolectada a través de entrevistas y observaciones, permite verificar la presencia de tensiones entre las actividades de los pequeños agricultores y los grandes cultivos de caña de azúcar, así como la necesidad de avanzar en el estudio del impacto de la explotación minera en la ciudad, en términos de generación de riqueza y daño ambiental. En Mataraca existe un turismo de negocios moderado y pequeños prestadores de servicios desarrollan negocios en las márgenes y a lo largo del río Camaratuba. No hay turismo comunitario. El desempleo, la falta de acceso a la capacitación y educación profesional, además del consumo de drogas lícitas, amenazan el futuro de las nuevas generaciones.

Palabras-clave: Acción Económica – Medio Ambiente – Conflictos Sociales.

¹ UFCEG, Doutor, darcon.sousa@professor.ufcg.edu.br ;

² UFCEG, Estudante de Graduação, adautoneto909@gmail.com

³ UFCEG, Estudante de Graduação, arissa2002clara@gmail.com

⁴ UFCEG, Estudante de Graduação, matheusjosehenrique@gmail.com

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



1. INTRODUÇÃO

A grande empresa continua tendo a primazia como motor de alavancagem de uma concepção de desenvolvimento. Dispõe de mais recursos e é alvo do interesse de governos que buscam atraí-la para seus territórios. Incentivos públicos são direcionados para deslocar corporações que geram empregos e impostos. Agentes públicos resignam-se à dependência do capital privado, enquanto atores sociais às margens dos mercados tradicionais buscam formas de sobrevivência por meio da ação coletiva. Outras lógicas econômicas se infiltram e se apresentam como alternativas às formas dominantes. Em diversos contextos, sobrevivem estratégias e esforços baseados no solidarismo, no associativismo e em outras modalidades constitutivas de uma economia social, as quais coexistem ao lado de racionalidades movidas pelo lucro, formando um cenário de disputas de projetos que expressam conflitos e contradições.

Em face dessa configuração e a partir da perspectiva teórica da Sociologia Econômica, em sintonia com os outros campos, investigamos a ação econômica em Mataraca, município com pouco mais de oito mil habitantes, no litoral norte da Paraíba. Nele operam lógicas distintas de ação econômica. Empresa estrangeira de mineração (multinacional detentora de fonte de energia renovável), agricultura canvieira e turismo empresarial, atuam no mesmo espaço da agricultura familiar, da economia solidária, da produção agrícola associativa e do empreendedorismo de subsistência. Essas atividades têm em comum o fato de estarem localizadas no entorno de áreas de proteção ambiental. Em Mataraca está o Parque Municipal Ecológico da Barra do Rio Camaratuba, criado em 13 de Fevereiro de 1998, através da Lei Complementar 001/98 e 169/2002 e a Reserva do Manjeriço, destinada à soltura de animais, ambos localizados no distrito de Barraca de Camaratuba. O parque possui 74,8 hectares de mangue e 4,95 hectares de área de beira mar.

No município se evidenciam as contradições da expansão capitalista, principalmente sua incapacidade de garantir sustentabilidade ante uma realidade de profundo agravamento dos distúrbios climáticos causados pela exploração da

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



natureza, apesar de regulamentações, acordos e compromissos assumidos entre as nações líderes da economia global. Estudar as contradições desse sistema num contexto de uma cidade pequena, traz à tona a voracidade de seu ímpeto, a consumir e explorar recursos onde quer que estejam, desde que disponíveis para serem objeto de sua lógica e geridos para produzir lucros. Por outro lado, a persistência de outras racionalidades no mesmo espaço, coloca luzes sobre as possibilidades e limites delas. São sobre esses processos que nos debruçamos para refletirmos sobre suas dinâmicas e dimensões, no intuito de reforçarmos visões críticas acerca dos elementos que os movem e das consequências sociais que os acompanham. Para isso, realizamos uma pesquisa de campo, utilizando entrevistas semiestruturadas, observação e análise de documentos como instrumentos de coleta de dados, elementos de um desenho qualitativo de pesquisa, do tipo descritiva.

2. A SOCIOLOGIA E OLHARES COMPLEMENTARES NA INVESTIGAÇÃO DA AÇÃO ECONÔMICA

O comportamento econômico, conforme Weber (1982), recebe influência dos fenômenos e condições de uma cultura historicamente construída. O quadro das necessidades materiais, a maneira pela qual são atendidas, a conformação dos interesses e a natureza dos meios de exercício de poder refletem dimensões sociais que dão sentido às ações econômicas. As razões sociológicas que as acompanham e as orientam são imprescindíveis para compreendê-las. Ainda segundo Weber (1994), nos mais variados componentes da gestão econômica (trabalho, dinheiro, Estado, rendas) estão presentes as motivações e implicações sociológicas a impregnarem a economia. Tanto a função reguladora do Estado, via ordenamento jurídico, como a prática de uma ética baseada na honestidade, no preço justo e na confiança, são elementos da legitimação das relações de troca, em essência relações sociais, nas quais as decisões dos agentes econômicos e o contexto sociopolítico que as cerca e as conduz importam.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Na esteira desse programa weberiano, Steiner (2006), destacou o papel da Sociologia Econômica na descrição de como os dispositivos e comportamentos sociais atuam nas interações e articulações que originam as transações comerciais, assim como na proposição de teorias a respeito das formas pelas quais essas articulações ocorrem. Para esse autor, a ação econômica precisa ser compreendida à luz de conteúdos sociais que vão além da racionalidade instrumental, incluindo as instituições, os laços sociais e os comportamentos dos atores.

Sendo assim, no capitalismo, a empresa com objetivos de lucro alcançou hegemonia e se consolidou como modelo produtivo que incorporou ao extremo a racionalidade instrumental, tipificada pelo próprio Weber (1994), que a definiu como aquela portadora do cálculo, de previsibilidade, na escolha dos meios mais adequados ao alcance dos fins. A empresa moderna, operando no sistema de mercado, usando a intermediação do dinheiro e buscando eficiência e lucro, afirma-se na vida social, molda o consumo, concentra recursos e influencia governos. A racionalidade empresarial também subordina o trabalho, explora o meio ambiente e controla a tecnologia, além de contar com o capital econômico que dissemina as ideias necessárias para sua legitimação.

Contra elas, Ferreira (2016), mostra que persiste a crítica ao pensamento empresarial, expressa em ideias divergentes da lógica capitalista prevalecente, a exemplo da condenação moral do lucro e, sobretudo, a defesa da premissa de que (p.125): “As relações sociais deviam se basear no altruísmo, ou seja, as pessoas deveriam se preocupar prioritariamente com o bem-estar dos seus semelhantes.” As relações de mercado, em última análise, relações sociais, deveriam ter um caráter altruísta. Não sendo assim, contrária à lógica do lucro, emerge a Economia Social.

Garrido (2019) abordou as origens, ideias e o desenvolvimento da Economia Social, projeto que ainda disputa espaço nas sociedades atuais. Para esse autor, a Economia Social está baseada em valores éticos, humanistas e em práticas solidárias e democráticas. As organizações que dela fazem parte orientam-se pelos princípios da cooperação, da reciprocidade e da responsabilidade coletiva. Por isso, se

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



constituem em um modelo alternativo ao capitalismo, socializando o lucro ou recusando-o, compartilhando esforços e resultados para uma comunidade que possui um território. São características que destoam do “espírito capitalista.”

A Economia Social ganha impulso como forma de resistência aos padrões e às elites burguesas em meados do século XIX, quando o fim das restrições legais abre espaço para a associação voluntária de trabalhadores que intensificam a construção de novas sociabilidades laborais. Já no final do mesmo século, escreveu Garrido (2019, p.330): “O princípio da cooperação voluntária passava a ser a chave da transformação radical, pacífica e global das relações entre os homens. A cooperação deveria constituir o código ético das organizações dedicadas ao progresso social.” A expressão “progresso social” é sucedida por “justiça social”, que passa a inspirar a Economia Social, na qual organizações voluntárias, privadas e auto-organizadas, gradativamente, vão assumindo um papel social complementar às funções do Estado.

Entretanto, Moura Sá (2019) escreve sobre o desafio das organizações que compõem a Economia Social, no sentido de criar valor e de alcançar seus objetivos. Em geral, são organizações de pequeno porte e de baixo grau de profissionalização. Frequentemente, enfrentam o dilema entre adotar tecnologias de gestão e de manter uma lógica distinta das empresas baseadas no lucro. Dentre as tecnologias administrativas, a gestão da qualidade tem atraído a atenção das organizações da Economia Social. Para Moura Sá (2019), nesse modelo de atuação está a chave do melhor desempenho organizacional e ele pode ser utilizado pela Economia Social, empoderando consumidores e cidadãos, sem retirar a satisfação das necessidades coletivas de seu lugar de soberania.

Estanque (2019) lembra que sociedades organizadas sob a primazia de valores humanistas acabaram por subvertê-los, não apenas por causa das pressões do poder econômico, mas em função da corrosão originária da própria natureza humana. A ambição, a vaidade e a vontade de mando dos indivíduos estariam por trás do fracasso de muitos projetos que nasceram movidos por solidariedade, igualdade e justiça social. Para o autor, a Psicossociologia das organizações fornece

PROMOÇÃO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



esclarecimento sobre isso e ressalta a necessidade de se conhecer a responsabilidade do comportamento humano no desvio das organizações e sistemas econômicos de seus ideais humanistas, ou seja, “os efeitos destrutivos das pulsões humanas”. Como escreveu (p.3610):

[...] devemos procurar nas dinâmicas organizacionais e nos interstícios da personalidade social dos indivíduos, enquanto atores inseridos em contextos socioculturais complexos, a raiz dos mecanismos afeto-cognitivos promotores de comportamentos que nos empurram para a busca de poder, gerando desigualdade e, muitas vezes, entropia nos sistemas organizados.

Num contexto de vulnerabilidade dos trabalhadores frente ao moinho capitalista, a economia de base solidária tem um papel importante na defesa de uma economia diversificada, ecológica e humana. Para isso, é preciso que se resista às pressões sistêmicas e, simultaneamente, que se preste atenção à natureza do comportamento humano que tende a desvirtuar as organizações solidárias de seus propósitos, fincados no respeito aos direitos humanos. (ESTANQUE, 2019).

Como aqui se tentou demonstrar brevemente, a variedade de formatos e de “espíritos” que sopram nos corpos econômicos se soma à multiplicidade de fatores que explicam seu funcionamento e seus ciclos de vida. Desde as pressões sistêmicas até os micros comportamentos de membros desses corpos, as tintas que desenham explicações para a ação econômica são diversas e complexas.

3- AS VOZES DOS ATORES SOCIAIS

3.1- A vida na vila segundo moradores

Barra de Camaratuba (chamada vila pelos locais, em torno de 1.500 pessoas) é um distrito que fica a oito quilômetros do centro da cidade de Mataraca. A vila de pescadores conta com posto de saúde e escola de educação fundamental. Por ela passa um sistema de energia eólica a realçar aerogeradores gigantes que se destacam na paisagem e parecem, à distância, invadir o asfalto que leva ao distrito. Apesar de cercada por água, o abastecimento aos moradores funciona via perfuração de poços artesianos, a partir dos quais a água chega encanada às residências.

No distrito, o curso do rio Camaratuba encontra-se com o mar. Mangues, trilhas e lagoas conformam áreas protegidas. A população local, além da pesca, sobrevive

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



principalmente de pequenos negócios, voltados para a prestação de serviços aos frequentadores do lugar. Bares, restaurantes, condução de barcos, aluguel de caiaques, artesanato, passeios guiados e até a prospecção de joias perdidas, configuram o conjunto de atividades econômicas desse porte ali desenvolvidas.

Entrevistas com moradores de Barra do Camaratuba revelaram uma percepção convergente em torno das principais questões da vila. Todos mencionam a tranquilidade como maior vantagem de morar lá. “Vida sossegada”, “calma”, “segurança”, “paz”, são atributos identificados pelos moradores para definir os benefícios de morar num lugar que alguns associam a um “paraíso”, onde “todos se conhecem” e têm à disposição o lazer e o privilégio de “morar perto da praia.”

As mudanças ocorridas ao longo do tempo são também facilmente apontadas. A população, originariamente indígena, cresceu, as casas – antes de palha ou barro e sem piso – agora são de alvenaria, a urbanização das ruas é mais recente, o turismo e as construções foram incrementados, há mais obras da prefeitura, o comércio melhorou e o acesso à vila ganhou asfalto. A praça central é lembrada como obra de poucos anos atrás e as torres para a captação de energia eólica que circundam parte da vila também são citadas. Alguns moradores contaram que precisavam carregar água de uma fonte antes da canalização a partir de poços artesianos.

Além da água canalizada, a custo zero, os moradores relataram que dispõem de atendimento de saúde e educação no nível fundamental. Em geral, eles avaliaram como satisfatórios os serviços públicos, apesar de haver críticas em relação à interrupções do fornecimento de água, ao preço elevado da energia elétrica que não teve diminuição em razão da instalação do parque eólico na cidade, a pouca disponibilidade de médicos e à lentidão da realização de exames. Alguns consideram insuficiente a presença de força policial, tida como esporádica.

Quando perguntados sobre as dificuldades que enfrentam por morarem no distrito, os moradores foram unânimes em citar a “falta de emprego”. Transporte público e limitações do sistema de saúde foram mencionados por alguns. A estrutura hoteleira é pequena. A pesca, a exploração do mangue, a construção civil e os

PROMOÇÃO



APOIO



serviços turísticos autônomos conformam atividades informais, nas quais parte dos moradores está envolvida.

Sobre terem recebido orientação acerca da preservação do meio ambiente, reciclagem de lixo, aproveitamento das águas da chuva ou cuidado com áreas de preservação, os moradores revelaram a inexistência de um trabalho educativo, sistemático ou constante de entidades públicas ou privadas. Alguns lembram de palestras, do trabalho passado de uma organização não governamental e de esforços eventuais da prefeitura. Em geral, não há identificação de mecanismos constantes utilizados para o fortalecimento de uma cultura de conservação em relação ao meio ambiente. Na mesma direção, os moradores não conseguem associar qualquer instituição à responsabilidade pela preservação do meio ambiente em Barra do Camaratuba.

Os moradores referem-se à colônia de pescadores como a entidade comunitária da vila, ainda que dela a maioria não participe e não consiga descrever o papel que exerce. Há evidências de que o grau de associativismo e de participação da comunidade em esforços coletivos é muito baixo.

3.2- A fala de um agente público

A Secretaria de Turismo de Mataraca é a única que funciona no distrito de Barra do Camaratuba. Está localizada no Centro Turístico construído na praça central, de onde se pode avistar o mar. O Secretário da pasta, em resposta a uma pergunta sobre o desenvolvimento do turismo no local, contou que empresários de outras regiões e proprietários de terras da cidade consideraram que a instalação do parque eólico da cidade atrapalhava os investimentos. Segundo o Secretário, principalmente por causa dos ruídos emitidos ou “poluição sonora.” Proprietários de terras da região recebem rendas pela cessão de suas terras para a fixação das torres com as hélices. Não fosse isso, na opinião do Secretário, o turismo teria dado um “boom” no setor.

O Secretário explicou que o Parque Municipal Ecoturístico da Barra do Rio Camaratuba (a lei que o regulamentou não está sendo cumprida, visto que a mesma previa a constituição de um conselho, o que ainda não aconteceu) e a Reserva do

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Manjerição (reserva específica para soltura de animais), áreas protegidas do município, não se constituem em empecilhos para a atração de capital privado. Já os investimentos públicos, via pavimentação de ruas e edificação de praças, teriam melhorado a infraestrutura da vila, observou o Secretário. Esperava-se com isso, um aquecimento da atividade econômica, não fosse a incidência da Covid-19, que impingiu perdas significativas aos moradores. Para o Secretário, o crescimento do turismo, acompanhado de perto pela gestão pública, traria mais benefícios do que malefícios. O Secretário citou como exemplo a ocorrência de assaltos, que rapidamente foi contida pela intervenção do poder público, acionando os mecanismos de segurança, a exemplo da presença constante de uma viatura policial no lugar durante os finais de semana. Ele apontou o *déficit* de capacitação da mão de obra como obstáculo para o crescimento do setor. Em suas palavras: “[...] o pessoal daqui é muito inerte, não busca se capacitar, tem poucas pessoas formadas na área de turismo e as pessoas que tem buscam se empregar lá fora.” Por outro lado, o Secretário expôs as limitações e dificuldades dos empreendimentos turísticos, pousadas e restaurantes, no sentido de manterem os negócios no período fora de temporada, que vai desde o mês de maio até setembro. Alguns empreendimentos são arrendados e a manutenção deles se torna um desafio para os administradores.

Indagado sobre a padronização de práticas ecológicas entre comerciantes instalados na praia, o Secretário relatou que, a partir da experiência da fossa ecológica de um deles, outros seguiram o modelo. A fossa ecológica consiste na filtragem de resíduos de forma a que não contaminem o solo.

Sobre o parque eólico, o Secretário explicou que os benefícios diretos de sua instalação são pequenos. Os moradores pagam a mesma tarifa e o município recebe uma contrapartida modesta, algo em torno de R\$ 100,00 por torre, o que gerou uma disputa judicial entre a prefeitura e a empresa responsável pelo parque. Apenas os proprietários de terra por onde passam as torres tiveram algum ganho. Com a saída da mineradora estrangeira Tronox, que atuava há mais de quarenta anos na cidade, o município teve uma perda de receita em torno de um milhão de Reais mensais, além

PROMOÇÃO



APOIO



de cerca de duzentos empregos. A mineradora está encerrando as atividades, segundo o Secretário, porque os minérios explorados por ela, de quatro tipos (rutilo, Ilmenita, zirconita, cienita) teriam escasseado.

Para o Secretário de Turismo, a renda do município caiu muito e o período no qual os recursos eram elevados, não teria resultado em investimentos correspondentes. Sobre a indústria canavieira, o Secretário afirmou que a única empresa que atua na cidade tem sede na cidade próxima de Rio Tinto, para onde vão os impostos. Em Mataraca estão as plantações que ocupam mão-de-obra local.

Em relação à consciência da população local para preservar o meio ambiente, o Secretário contou que há pessoas individuais e a Secretaria do Meio Ambiente que trabalham nesta direção. Acrescentou que há uma Organização Não Governamental, de proteção ao caranguejo uçá, porém, encontra-se inativa. O Secretário considera que os moradores locais têm pouca atenção à questão do meio ambiente e pessoas de fora se importam mais.

O Secretário apontou a falta de emprego como o principal problema social. Os casos de pessoas com adoecimento mental entre os moradores têm crescido, conforme registrou, o que ele atribui às poucas perspectivas em relação ao trabalho e à impossibilidade de se adquirir independência econômica. A escolaridade também é pouca valorizada, o que se reflete nos trabalhos precários. O alcoolismo é um problema sério no local e há registros de consumo de drogas, segundo relatou. Neste aspecto, o Secretário comentou os problemas da segurança pública. A presença da viatura é irregular e o efetivo de policiais não se altera há trinta anos, conforme disse.

3.3- Duas das sobreviventes

O primeiro dia da pesquisa de campo coincidiu com o início do funcionamento da lanchonete de ⁵Yara em Barra do Camaratuba, um dos vários empreendimentos pesquisados, os quais têm em comum a natureza informal ou o porte pequeno.

⁵ Nome fictício. Significa “senhora d’águas”. (<https://www.taofeminino.com.br/filhos/nomes-indigenas-para-bebes-s2005506.html>-Acesso em 02/08/2022)

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Instalada num *trailer* acoplado a um veículo, a lanchonete tinha sido adquirida recentemente, Yara tem uma mercearia que abria de sexta a domingo em Uruba, área rural do município de Mataraca. Como o movimento do comércio caiu, Yara resolveu tentar um melhor rendimento, atuando em Barra de Camaratuba só aos domingos. Para trabalhar na praia, segundo relatou, Yara precisou apenas “falar” com o prefeito que a autorizou a começar as atividades. Os ganhos com o *trailer* se somam à aposentadoria de Yara, única fonte de renda fixa que mantém a família, formada por ela, o marido, a filha e quatro netos. No trailer trabalham o marido e a filha, enquanto Yara continuará se dedicando mais ao comércio no sítio, em Uruba. Nessa área rural, contou Yara, existe um rio, um pouco distante, com estrada de acesso em más condições. As margens do rio seriam propícias para o lazer, o que geraria oportunidades para a venda de lanches aos banhistas. Todavia, um proprietário de terra impede o comércio na área, situação assim exposta por Yara:

Ele é dono, dono não, que ninguém é dono de nada. Ele toma conta de uma parte do rio. Da mesma terra que a gente mora. Ele não quer que ninguém use, a gente usa assim quando a gente vai tomar banho...ele não importa, mas pra vender nada, ninguém vende nada, ele não permite vender não. Ai tem outra parte lá que era, a gente sabemos que é da capitania né? O rio pertence a todos, é da união. Ai o nosso “delegado” comprou a propriedade e fechou o rio.

Perguntada sobre atividades agrícolas em Uruba que pudessem ser fonte de renda para os moradores, Yara relatou que durante o inverno se planta milho, feijão e “roça” (referindo-se às verduras) e que a falta de irrigação impede que os agricultores vivam da terra durante todo o ano. Nas palavras dela:

[...] se a gente tivesse irrigação a gente botava, porque a gente mora em cima, da onde a gente mora pro rio é quase cinco quilômetros, a gente tem água de poço, aí a água do poço é pra dar água aos animais, pra gente tomar banho, lavar roupa, esse tipo de coisa, mas pra irrigar não dá, tá entendendo? Porque se a gente tivesse, só na verdura a gente vivia muito bem, porque dá.

Em Uruba, encontramos a agricultora ⁶Maiara, filha de Yara, a dona do *trailer* estacionado no sítio onde moram vários membros da família (ver imagem 1). O sítio

⁶ Nome fictício. Significa “a sábia”. (<https://www.taofeminino.com.br/filhos/nomes-indigenas-para-bebes-s2005506.html>-Acesso em 23/08/2022)

PROMOÇÃO



APOIO





localiza-se vizinho a uma grande plantação de cana-de-açúcar. Segundo Maiara, o agrotóxico utilizado na cana-de-açúcar prejudica principalmente a apicultura, atividade que reúne moradores de Uruba.



Imagem 1 – Trailer usado pela agricultora Yara como fonte de renda complementar. Uruba, área rural de Mataraca-PB.

A agricultura, assim narrou as ameaças do agrotóxico:

[...] as abelhas, por onde elas passam, elas, como é que se diz, elas param num canto né? Procuram flores, tudo, e muitas vezes o agrotóxico eles passam para as plantas, aí aquelas plantas são contaminadas. Quando elas põem, quem vai tirar aquele néctar, que passa uma pra outra, aí quando chega na caixa, acaba prejudicando a própria rainha como as outras, aí muitas morrem. Devido a esse tipo de agrotóxico que as pessoas não têm tendo consciência, porque não estão trabalhando muito com a estabilidade da natureza, aí prejudica muito. Por isso que muitos apicultores tamos lutando, batalhando pra evitar esse negócio de agrotóxico tanto na agricultura como na apicultura.

Apesar das críticas da agricultora, as contradições da sobrevivência na região são visíveis. As plantações de cana-de-açúcar empregam trabalhadores, ainda que em regime temporário, durante o período da safra que dura quatro meses. O próprio esposo de Maiara trabalha transportando a cana quando a usina funciona, o que dura, em média, cinco meses. Em frente à sua residência estavam estacionados “reboques” utilizados nesse serviço. Quando a usina não está em operação, o esposo procura outros serviços esporádicos, como o transporte de gado

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



O dilema envolvendo o agrotóxico (ver imagem 2) é reconhecido pela agricultora: “[...] é uma tristeza e uma alegria, é uma coisa envolvendo outra, infelizmente, por um lado é bom, por outro é ruim”, disse em relação aos benefícios e prejuízos da cana-de-açúcar.



Imagem 2 – Trabalhadores lançando adubo em plantação de cana-de-açúcar em Uruba, área rural de Mataraca-PB
Fonte: Dados da pesquisa, 2022

Em Uruba, onforme relato de Maiara, existem duas associações, uma de agricultores e outra de apicultores. Havendo água, os agricultores trabalham com horta, feijão, macaxeira, etc. Ainda sobre os males do agrotóxico, a agricultora destacou:

“[...] tem agrotóxico que eles dizem que não são prejudiciais, não para ser humano, mas existem animais que acabam se prejudicando, ou seja, contamina a natureza, prejudica a gente, o mundo já não tá fácil, tá pedindo socorro, infelizmente é o dia a dia né? É o ser humano.”

Maiara contou que fez parte do Movimento Sem Terra por muito tempo e que as casas onde ela e sua mãe moram foram conquistadas por meio de um assentamento na terra que tinha sido tomada por pessoas antigas na cidade. Conforme se expressou, alguém se “apossou” da terra e os assentados “tomaram de volta o que era deles.” Depois, a maioria dos assentados teria vendido ou trocado as terras. Todavia, uma boa parte “ainda tem suas terras, não dá fim de jeito nenhum”, explicou Maiara que enfatizou: “abençoado é aquele que tem sua terra para cuidar de

PROMOÇÃO



APOIO



sua família e se virar.” A terra oriunda do assentamento foi subdividida entre membros da família. Primos, irmãos, a mãe e a própria Maiara construíram suas casas no lugar, algo que foi feito com muito sacrifício e lentamente.

A agricultora fez menção a um rio do município de Mataraca que se localiza próximo à usina e que, ao contrário de quando ela era criança, hoje está poluído e contaminado, não oferecendo qualquer condição para o exercício da pesca. Mesmo tendo feito vários cursos sobre horticultura, algo que “sonhava” praticar com a mãe, a falta de água inviabilizou o cultivo da terra. Sobre os meios de vida que a família usa para sobreviver, Maiara justificou: “[...] ou a gente se vira nos trinta pra dar conta do resultado, pagar as contas, de cuidar de criança ou o negócio desanda, então a gente tem que se segurar sempre com alguma coisa.” A fala representa a condição da maioria dos locais, os quais, vivendo num ambiente natural rico e vizinhos de empresas que exploram os recursos deles, não usufruem dos frutos do modelo de desenvolvimento adotado ou ausente em Mataraca.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

As perspectivas dos atores sociais aqui descritas, contém múltiplas dimensões das relações sociais que acompanham os fenômenos econômicos em Mataraca, as quais seguem sendo analisadas e investigadas por instrumentos e abordagens que avançam em relação aos adotados neste trabalho. Todavia, o ponto de partida baseado nas falas dos sujeitos da pesquisa, deixa claros conflitos que marcam a realidade socioeconômica local.

A mineradora multinacional, que há décadas explora as riquezas do subsolo na cidade, prepara o encerramento de suas atividades por exaustão dos recursos, sem deixar um legado social ou ambiental. Há indícios de que a suposta compensação ambiental, propalada em peças comunicacionais da empresa, não tiveram o impacto anunciado. A maior parte da população, como nos interiores do nordeste brasileiro, permanece sem acesso garantido aos bens básicos de sobrevivência. Pessoas que vivem cercadas de água doce, não tem como irrigar suas

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



plantações. O grau de associativismo é quase inexistente, a organização social e o exercício da cidadania são frágeis.

Por outro lado, o turismo ambiental está nas mãos de proprietários de pousadas e hotéis, em número limitado por causa das restrições regulatórias e espaciais, e é também explorado por poucos moradores que lucram com serviços de alimentação, tráfego fluvial, passeios sobre o rio e outras atividades que satisfazem necessidades dos frequentadores do lugar.

Já o poder público, atua nos limites de um orçamento estreito, antes dependente dos retornos da atividade mineradora, sem reforço do negócio turístico, tipicamente fugidivo em relação à tributação. Resta à sociedade civil organizar-se para influenciar as decisões relativas ao desenvolvimento local. A ausência dessa organização em Mataraca pode implicar em retrocessos, considerando que as reservas e parques existentes indicam um nível de participação melhor no passado, com a presença de instituições que hoje parecem apáticas e agentes que se guiam pela mesma racionalidade empresarial que criticavam.

5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESTANQUE, Elísio. Organizações e desafios sociolaborais: breves notas numa perspectiva psicossociológica. In.: ANTUNES, M.; NAMORADO, Rui (coords.) **Economia Social**: olhares cruzados. Coimbra: Edições Almedina, 2019.

FERREIRA, R.M.. **Sociedade & Empresa**: Sociologia aplicada à Administração. São Paulo: Editora Saraiva, 2016.

GARRIDO, Álvaro. Origens, afluentes e percepções históricas da Economia Social. In.: ANTUNES, M.; NAMORADO, Rui (coords.) **Economia Social**: olhares cruzados. Coimbra: Edições Almedina, 2019.

MOURA E SÁ, P.. Que papéis pode desempenhar a Gestão da Qualidade nas organizações da Economia Social? Uma reflexão em torno dos seus contributos internos e externos. In.: ANTUNES, M.; NAMORADO, Rui (coords.) **Economia Social**: olhares cruzados. Coimbra: Edições Almedina, 2019.

STEINNER, Philippe. **A sociologia econômica**. São Paulo: Atlas, 2006.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 1982.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

PROMOÇÃO



APOIO

